

**RADIOMENSAGEM DE NATAL
DE SUA SANTIDADE, O PAPA PIO XII,
AOS POVOS DE TODO O MUNDO
SOBRE OS PERIGOS DO TECNICISMO**

Quinta-feira, 24 de dezembro de 1953

Original italiano: [Site da Santa Sé](#)
Tradução portuguesa: [Cristianismo.org.br](#)
Adaptação: Equipe Christo Nihil Praeponere

Em volta do radioso berço do Redentor

1. “O povo, que habitava nas trevas, viu uma grande luz”. Com esta vívida imagem o espírito profético de Isaías (*Is 9, 1*) anunciou a vinda à terra do celestial Menino, Pai do futuro século e Príncipe da paz. Com esta mesma imagem — na maturidade dos tempos feita realidade confortadora das gerações humanas, que se sucedem neste mundo cheio de trevas — Nós desejamos, diletos filhos e filhas do orbe católico, iniciar a nossa Mensagem natalícia e servir-Nos dela para conduzir-vos mais uma vez ao berço do Salvador recém-nascido, fúlgida fonte de luz.

Luz que brilha nas trevas

2. Luz que dissipa e vence as trevas é, com efeito, o Natal do Senhor no seu significado essencial, que o Apóstolo São João expôs e compendiou no sublime exórdio do seu Evangelho, eco da solenidade da primeira página do Gênesis ao aparecer da primeira luz. “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós; e nós fomos testemunhas da sua glória, daquela glória que o Unigênito recebe do Pai, cheio de graça e de verdade” (*Jo 1, 14*). Vida e luz em si mesmo, resplandece nas trevas e concede — a todos aqueles que para Ele abrem os olhos e o coração, àqueles que o recebem e crêem nele — o poder de se tornarem filhos de Deus (*cf. Jo 1, 12*).

3. Não obstante, porém, tão generosa fulguração de luz divina que promana do humilde presépio, deixa-se ao homem o poder tremendo de mergulhar nas antigas trevas, causadas pelo primeiro pecado, nas quais o espírito se estiola com obras aviltantes e de morte. Para estes cegos voluntários, que se tornaram tais por haverem perdido ou debilitado a fé, o próprio Natal não conserva outro atrativo senão o de uma festa puramente humana, reduz-se a pobres sentimentos e a recordações puramente terrenas, embora ordinariamente se envolva de

carinho, mas como realidade sem conteúdo ou fruto sem substância. Em volta do radioso berço do Redentor, persistem portanto zonas de trevas, e movem-se homens de olhos fechados ao celestial fulgor. Não porque o Deus Encarnado não tenha, mesmo no mistério, luz para iluminar cada homem que vem a este mundo, mas porque muitos, deslumbrados pelo efêmero esplendor dos ideais e das obras humanas, circunscrevem o olhar aos limites do criado, incapazes de levantá-lo ao Criador, princípio, harmonia e fim de tudo o que existe.

O progresso técnico

4. A estes homens em trevas desejamos indicar a “grande luz” que irradia do presépio, convidando-os, antes de mais nada, a reconhecerem a causa que hoje os cega e torna insensíveis ao que é divino. Não é senão a exagerada e, algumas vezes, exclusiva estima do chamado “progresso técnico”. Este, primeiramente sonhado como mito onipotente e manancial de felicidade, e depois levado com toda a sorte de recursos até às mais audazes conquistas, impôs-se às consciências como fim último do homem e da vida, substituindo-se portanto a qualquer espécie de ideais religiosos e espirituais. Hoje vê-se com clareza cada vez maior que a sua indevida exaltação cegou os olhos dos homens modernos, tornou surdos os seus ouvidos, a ponto de se verificar neles o que o Livro da Sabedoria flagelava nos idólatras do seu tempo (*Sab* 13, 1): são incapazes de reconhecer através do mundo visível Aquele que é, de descobrir pela obra o artista. Muito mais hoje — para aqueles que caminham nas trevas — permanecem envolvidos em absoluta obscuridade o mundo do sobrenatural e a obra da Redenção, que transcende toda a natureza e foi levada a termo por Jesus Cristo.

Vem de Deus e conduz por si a Deus

5. No entanto não se devia verificar tal extravio; e estas Nossas censuras não hão de ser entendidas como reprovação do progresso técnico em si mesmo. A Igreja ama e favorece os progressos humanos. É inegável que o progresso técnico vem de Deus; pode e deve, portanto, conduzir a Deus. O crente admira as conquistas da técnica, serve-se delas para penetrar mais profundamente no conhecimento da criação e das forças da natureza, que procura dominar com máquinas e instrumentos, a fim de reduzi-las ao serviço do homem e ao enriquecimento da vida terrena. Ao fazer isto sente-se como que arrastado a adorar o Dador daqueles bens que admira e utiliza, sabendo bem que o Filho eterno de Deus é o “primogênito de todas as criaturas, pois nele foram feitas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis” (*Col* 1, 15-16). Muito

longe, portanto, de sentir-se inclinado a negar as maravilhas da técnica e o seu legítimo emprego, o crente encontra-se talvez, por conhecer esse progresso, mais disposto a dobrar o joelho diante do celeste Menino do presépio. Tem maior consciência da sua dívida de gratidão Àquele que é origem da inteligência e das coisas; está mais disposto a inserir as mesmas obras da técnica no coro dos anjos de Belém: “Glória a Deus no mais alto dos Céus” (Lc 2, 14). Ao lado do ouro, do incenso e da mirra, oferecidos pelos Magos ao Deus Menino, ele achará até natural pôr as modernas conquistas da técnica: máquinas e números, laboratórios e descobertas, energia e recursos. Ainda mais, fazer-lhe o crente essa oferta é como apresentar-lhe a obra por Ele mesmo mandada um dia e agora felizmente executada, se bem que não até ao fim. “Povoai a terra e submetei-a” (Gn 1, 28), disse Deus ao homem ao entregar-lhe a criação como herança provisória. Que longo e áspero caminho desde então até aos nossos tempos, em que os homens podem de algum modo dizer terem cumprido o divino preceito!

A técnica moderna no apogeu do esplendor e do rendimento

6. A técnica, de fato, conduz o homem hodierno a uma perfeição nunca antes atingida no domínio do mundo material. A máquina moderna permite um modo de produção, que substitui e multiplica a energia humana do trabalho. Este liberta-se inteiramente da contribuição das forças orgânicas e assegura um máximo de potencial extensivo e intensivo, e ao mesmo tempo um máximo de precisão. Abraçando com um olhar os resultados dessa evolução, parece-nos colher da própria natureza o assentimento satisfeito a tudo quanto o homem nela operou e o incitamento a que proceda ulteriormente na investigação e utilização de suas extraordinárias possibilidades. Ora, é evidente que toda pesquisa e descoberta das forças da natureza, efetuadas pela técnica, resultam em procura e descoberta da grandeza, da sabedoria, da harmonia de Deus. E deste modo considerada a técnica, quem a poderá desaprovar ou condenar?

O perigo de que ela ocasione grave dano espiritual. O “espírito técnico”.

7. No entanto parece inegável que a mesma técnica, levada no nosso século ao apogeu do esplendor e do rendimento, se transforma por circunstâncias de fato em grave perigo espiritual. Diríamos que dá ao homem moderno, inclinado diante do seu altar, um sentido de auto-suficiência, e de satisfação plena das suas aspirações de conhecimento e de poder sem limites. Com o seu múltiplo emprego, a absoluta confiança que suscita, as inexauríveis possibilidades que promete, a técnica moderna desenvolve, em torno do homem contemporâneo,

visão tão vasta que leva muitos a confundi-lo com o próprio infinito. Atribui-se-lhe, por conseqüência, uma autonomia impossível, que por sua vez se transforma, no pensar de alguns, em errada concepção da vida e do mundo, que se designa com o nome de “espírito técnico”. Mas este, em que consiste exatamente? Em se considerar, como o mais alto valor humano e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; em se colocarem como fim, de preferência a todas as outras atividades humanas, os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da cultura e da felicidade terrena.

Tende a restringir à matéria o olhar do homem...

8. Há, antes de tudo, erro fundamental nesta falseada visão do mundo, originada pelo “espírito técnico”. O panorama, à primeira vista sem limites, que a técnica desvela aos olhos do homem moderno, reduz-se, por mais extenso que seja, a um aspecto parcial da vida no conjunto da realidade, visto exprimir apenas as relações desta com a matéria. É assim um panorama alucinante, que vem afinal a encerrar o homem — demasiado crédulo na imensidade e onipotência da técnica — numa prisão vasta mas limitada, e portanto, com o tempo, insuportável ao seu genuíno espírito. O olhar, bem longe de prolongar-se através da realidade infinita, que não é só matéria, sentir-se-á oprimido pelas barreiras que esta necessariamente lhe opõe. Daqui a recôndita angústia do homem contemporâneo, tornado cego por se ter voluntariamente circundado de trevas.

...torna-o cego às verdades religiosas

9. Quando se deixa embriagar pelo “espírito técnico”, bem mais graves são os danos que o homem sofre no setor das verdades propriamente religiosas e nas relações com o sobrenatural. O evangelista São João alude também a essas trevas, que o Verbo de Deus encarnado veio dissipar. Impedem a compreensão espiritual dos mistérios de Deus.

10. Não que a técnica, em si mesma, leve a renegar os valores religiosos, por força da lógica; esta, como dissemos, conduz antes a descobri-los. Mas esse “espírito técnico” põe o homem em condição desfavorável para procurar, ver e aceitar as verdades e os bens sobrenaturais. A mente, que se deixa seduzir pela concepção da vida ditada pelo “espírito técnico”, fica insensível, desinteressada e, portanto, cega diante das obras de Deus, de natureza completamente diversas da técnica, como são os mistérios da fé cristã. E o próprio remédio — que consistiria

num redobrado esforço para estender o olhar para além da barreira das trevas e para estimular na alma o interesse pelas realidades sobrenaturais — é inutilizado logo de início pelo mesmo “espírito técnico”. Este, com efeito, torna os homens incapazes de reconhecer a extrema instabilidade e superficialidade do nosso tempo. Tal defeito devem reconhecê-lo, como uma das suas consequências, aqueles mesmos que aprovam verdadeira e sinceramente o progresso técnico. Os homens impregnados do “espírito técnico” dificilmente encontram a calma, a serenidade e a interioridade requeridas para poderem reconhecer o caminho que leva ao Filho de Deus feito homem. Esses chegarão pelo contrário a denegrir o Criador e a sua obra, declarando construção defeituosa a natureza humana, por a capacidade e ação do cérebro e dos outros órgãos, necessariamente limitada, impedir a realização de cálculos e projetos tecnológicos. Estão ainda menos aptos para compreender e estimular os altíssimos mistérios da vida e da economia divina, como o mistério do Natal em que a união do Verbo Eterno com a natureza humana põe em jogo realidades e grandezas bem diferentes das consideradas pela técnica. O pensamento deles segue outros caminhos e outros métodos, dominado pela unilateral sugestão daquele “espírito técnico” que não reconhece, nem aprecia como realidades, senão o que pode exprimir-se em relações numéricas e cálculos utilitários. Julgam assim decompor a realidade nos seus elementos, mas tal conhecimento fica à superfície e move-se numa direção apenas. É evidente que o homem, adotando o método técnico como único instrumento da investigação da verdade, deve renunciar a penetrar, por exemplo, as profundas realidades da vida orgânica e, mais ainda, as da vida espiritual, as realidades vivas do indivíduo e da sociedade humana, por não poderem decompor-se em relações quantitativas. Dum espírito assim conformado, como se poderá pretender assentimento e admiração diante das imponentes realidades a que fomos elevados por Jesus Cristo, mediante a sua Encarnação e Redenção, a sua Revelação e a sua Graça? Prescindindo mesmo da cegueira religiosa que deriva do “espírito técnico”, o homem, quando possuído por ele, é diminuído no seu pensamento, nisso precisamente que o torna imagem de Deus. Deus é inteligência infinitamente compreensiva, ao passo que o “espírito técnico” faz tudo para coarctar no homem a livre expansão da inteligência. Ao técnico, mestre ou discípulo, que pretende salvar-se desta diminuição, não basta simplesmente profunda formação intelectual, mas é sobretudo necessária formação religiosa. Esta, ao contrário do que se tem por vezes afirmado, é a mais apta para proteger o seu pensamento contra influências unilaterais. Então desaparecerá a estreiteza do conhecimento; então a criação há de aparecer iluminada em todas as dimensões, especialmente quando se esforçar diante do presépio por

compreender “qual é a largueza, o comprimento, e a altura, e a profundidade, e o conhecimento da caridade de Cristo” (cf. *Ef* 3, 18-19). Em caso contrário, a idade técnica realizará a sua monstruosa obra-prima de transformar o homem num gigante do mundo físico, à custa do espírito reduzido a pigmeu do mundo sobrenatural e eterno.

O influxo do “espírito técnico” na ordem natural da vida dos homens modernos e nas relações recíprocas entre eles...

11. Mas não fica por aqui o influxo exercido pelo progresso técnico, uma vez que seja acolhido na consciência como coisa autônoma e como fim em si mesmo. Ninguém deixa de ver o perigo dum “conceito técnico da vida”, que está em considerar a vida exclusivamente pelo lado dos valores técnicos, como um elemento e fator técnico. O seu influxo repercute-se tanto no modo de viver dos homens modernos, como nas recíprocas relações entre eles.

12. Olhai-o por um momento em atividade no meio do povo entre o qual já se difunde, e notai em especial como alterou o conceito humano e cristão do trabalho, e que influxo exerce na legislação e na administração. O povo acolheu favoravelmente, e com razão, o progresso técnico, porque diminui o peso do esforço e aumenta a produtividade. No entanto, é preciso confessar que, se tal sentimento não se mantém nos devidos limites, o conceito humano e cristão do trabalho sofre necessariamente prejuízo. Do mesmo modo, do inexato conceito técnico da vida, e portanto do trabalho, deriva considerar-se o tempo livre como fim em si mesmo, em vez de o olhar e utilizar como justo alívio e restabelecimento, ligado essencialmente ao ritmo da vida ordenada, na qual repouso e trabalho se alternam num tecido único, e se integram numa só harmonia. Mais visível é o influxo do “espírito técnico” aplicado ao trabalho, quando se tira ao domingo a sua dignidade singular — como dia do culto divino e do repouso físico e espiritual para os indivíduos e a família — e ele se reduz, em vez disso, a um dia de folga como outros no decurso da semana. Estes podem até ser diferentes para cada membro da família, quando se espera obter maior rendimento de tal distribuição técnica da energia material e humana. Igual influxo se verifica quando o trabalho profissional está de tal maneira condicionado e sujeito ao “funcionamento” da máquina e dos instrumentos, que arruina rapidamente o trabalhador, consumindo-lhe um ano de exercício da profissão a força de dois ou mais anos de vida normal.

...na dignidade pessoal deles, na economia global...

13. Renunciamos a expor com mais vagar como este sistema, inspirado exclusivamente em vistas técnicas, ocasiona, ao contrário do que se esperava, desperdício de -recursos materiais e também das principais fontes de energia - entre as quais é preciso incluir sem dúvida o próprio homem, - e como por conseqüência esse sistema deve vir a revelar-se peso dispendioso para a economia global. Não podemos todavia deixar de assinalar nova forma de materialismo que o "espírito técnico" introduz na vida. Bastará aludir a que ele a esvazia do seu conteúdo, porque a técnica é ordenada para o bem do homem e do complexo dos valores espirituais e materiais que respeitam à sua natureza e à sua dignidade pessoal. Onde, porém, a técnica dominasse autônoma, a sociedade humana transformar-se-ia numa multidão incolor, em qualquer coisa de impessoal e esquemático, contrária portanto ao que a natureza e o seu Criador mostram querer .

...e na família

14. Sem dúvida grandes partes da humanidade não foram ainda atingidas pelo chamado "conceito técnico da vida"; mas é de temer que, onde quer que penetre sem reservas o progresso técnico, cedo se manifeste o perigo das deformações indicadas. E pensamos com particular angústia no perigo que ameaça a família, que na vida social é o mais sólido princípio de ordem, pois consegue suscitar, entre os seus membros, inúmeros serviços pessoais, que se renovam quotidianamente, e consegue ligá-los com vínculos de afeto à casa e ao lar, além de que desperta o amor da tradição familiar na produção e na conservação dos bens de uso. Onde, porém, penetra o conceito técnico da vida, a família afrouxa o laço pessoal da sua unidade, perde calor e estabilidade. Não permanece unida senão quando exige a produção em massa, para a qual se corre com insistência cada vez maior. Já não temos a família como obra de amar e refúgio de almas, mas apenas como desolado depósito, ou de ruão de obra para a produção, ou de consumidores dos bens materiais produzidos, segundo peçam as circunstâncias.

O "conceito técnico da vida", forma particular do materialismo

15. O "conceito técnico da vida", portanto, não é outra coisa senão forma particular do materialismo, enquanto oferece, como última resposta à questão da existência, uma fórmula matemática e de cálculo utilitário. Por isso, o desenvolvimento técnico de hoje, como se tivesse consciência de estar envolto em trevas, manifesta inquietação e angústia, que notam especialmente os que se

aplicam febrilmente a procurar sistemas sempre mais complicados e arriscados. Um mundo assim guiado não pode dizer-se iluminado da luz nem animado da vida, que o Verbo, esplendor da glória de Deus (*Hb* 1, 3), veio comunicar aos homens, ao fazer-se homem.

Gravidade da hora presente, especialmente para a Europa

16. Ao Nosso olhar — constantemente ansioso por descobrir no horizonte sinais de estável claridade (se não daquela luz plena de que falou o Profeta) — eis que se oferece pelo contrário a visão caliginosa duma Europa inquieta, onde o materialismo de que falamos, em vez de resolver, lhe exaspera os problemas fundamentais, intimamente ligados com a paz e ordem do mundo inteiro.

17. É verdade que ele não ameaça este continente mais seriamente do que as outras regiões da terra. Julgamos até que estão mais expostos aos referidos perigos, e mais abalados no equilíbrio moral e psicológico, os povos que tarde e de improviso foram atingidos pelo rápido progresso da técnica. Com efeito a evolução importada, seguindo não com movimento constante mas por saltos descontínuos, não encontra nem na neutralidade de cada indivíduo nem na cultura tradicional fortes diques de resistência, de correção e de nivelamento.

18. Todavia as Nossas graves apreensões a respeito da Europa são motivadas pelas incessantes desilusões em que vão naufragando, de há anos para cá, os sinceros desejos de paz e de alívio sonhados por estes povos, e isto por culpa, ainda, da maneira materialística de pôr o problema da paz. Nós pensamos em modo particular naqueles que julgam a questão da paz como de natureza técnica, e olham a vida dos indivíduos e das nações sob o aspecto técnico-econômico. Esta concepção materialística da vida ameaça tornar-se a regra de proceder de afadigados agentes de paz e a receita da sua política pacifista. Julgam eles que o segredo da solução está em dar a todos os povos a prosperidade material, mediante a constante subida da produtividade do trabalho e do nível de vida, assim como, há cem anos, merecia a absoluta confiança dos Estadistas esta fórmula semelhante: Pelo livre comércio a eterna paz.

O caminho reto para a verdadeira paz

19. Nunca porém qualquer materialismo se mostrou meio apto para implantar a paz, sendo esta, antes de mais, atitude de espírito e, só secundariamente, equilíbrio harmônico de forças externas. É, portanto, erro de princípio confiar a

paz ao materialismo moderno, corruptor do homem nas suas raízes e sufocador da sua vida pessoal e espiritual. A mesma desconfiança leva, aliás, a experiência, pois demonstra, mesmo em nossos dias, que o dispendioso potencial de forças técnicas e econômicas, quando distribuído mais ou menos em igualdade entre as duas partes, vem a impor receio de ambos os lados. Portanto, obter-se-ia assim uma paz do medo somente; não a paz que é segurança do futuro. Isto é preciso repeti-lo sem descanso, e persuadi-lo ao povo e a todos aqueles que se deixam facilmente alucinar pela miragem de a paz consistir na abundância dos bens. Não, a paz segura e estável é sobretudo problema de unidade espiritual e de disposições morais. Exige, sob pena de nova catástrofe para a humanidade, que se renuncie à falaz autonomia das forças materiais, as quais, nos nossos tempos, mal se distinguem das armas propriamente bélicas. A presente condição de coisas não melhorará, se todos os povos não reconhecerem os comuns fins espirituais e morais da humanidade, se não se ajudarem uns aos outros a atingi-los, e, por conseguinte, se não se entenderem entre si para opor-se à dissolvente discrepância que domina entre eles quanto ao nível de vida e à produtividade do trabalho.

A união dos povos da Europa

20. Tudo isto pode ser feito, e é até urgente que se faça, na Europa, produzindo a união continental entre os povos, diferentes embora entre si, mas geográfica e historicamente ligados uns aos outros. Poderoso incentivo para tal união é a manifesta falência da política contrária e o fato de os próprios povos, ainda nas camadas mais humildes, esperarem a realização de tal união, julgando-a necessária e praticamente possível. Parece, portanto, ter chegado o tempo de a idéia se tornar realidade. É por isso que Nós exortamos a que trabalhem nesse sentido, primeiro que tudo os políticos cristãos, a quem bastará recordar que foi sempre empenho do Cristianismo toda a espécie de união pacífica de povos. Por que se há de hesitar ainda? O fim é claro; as necessidades dos povos estão à vista de todos. A quem pedisse antecipadamente garantia absoluta de feliz resultado, haveria que responder que se trata sem dúvida dum risco mas necessário; dum risco, mas adaptado às possibilidades presentes; dum risco razoável. É preciso sem dúvida proceder cuidadosamente; avançar com bem calculados passos; mas por que desconfiar, precisamente agora, do alto grau conseguido pela ciência e experiência política, as quais sabem prever suficientemente os obstáculos e ter prontos os remédios? Deve sobretudo decidir-nos o grave momento em que a Europa se debate; para ela não há segurança sem risco. Quem exige absoluta certeza, não mostra boa vontade para com a Europa.

Genuína ação social cristã

21. Sempre em vista deste fim, Nós exortamos igualmente os políticos cristãos a atuarem no interior dos próprios países. Se a ordem não reina na vida interna dos povos, é inútil esperar a união da Europa e a segurança da paz no mundo. Num tempo como o nosso, em que os erros se transformam facilmente em catástrofe, um político cristão não pode — hoje menos que nunca — aumentar as tensões sociais internas, dramatizando-as, transcurando o que há de positivo e deitando a perder a reta visão do que é razoavelmente possível. Dele se espera tenacidade na aplicação da doutrina social cristã, tenacidade e confiança, mais do que mostram os adversários nos seus erros. Se a doutrina social, desde há mais de cem anos, se desenvolveu e se tornou fecunda na prática política de muitos povos — infelizmente não de todos —, aqueles que chegaram demasiado tarde não têm hoje motivo de lamentar que o Cristianismo deixe no campo social uma lacuna, que, segundo eles, se deve preencher mediante a chamada revolução das consciências cristãs. A lacuna não está no Cristianismo, mas na mente de seus acusadores.

22. Sendo assim, o político cristão não presta serviço à paz interna, nem, por conseguinte à paz externa, quando abandona a base sólida da experiência objetiva e dos princípios claros, e se transforma numa espécie de propagandista carismático duma nova terra social, contribuindo para agravar a desorientação dos espíritos já incertos. Disto se torna culpável quem julga que pode empreender experiências na ordem social e principalmente quem não está resolvido a fazer predominar em todos os grupos a legítima autoridade do Estado e a observância das justas leis. Será acaso necessário demonstrar que a fraqueza da autoridade solapa a solidez dum país, mais que todas as outras dificuldades, e que a fraqueza dum país traz consigo o enfraquecimento da Europa e põe em perigo a paz geral?

A autoridade do Estado

23. É preciso, portanto, reagir contra a falsa opinião de que o justo predomínio da autoridade e das leis abre necessariamente a porta à tirania. Nós mesmo, alguns anos atrás, neste mesmo dia ([24 de dezembro de 1944](#)), falando da democracia, notávamos que num Estado democrático, não menos que em qualquer outro bem ordenado, a autoridade deve ser verdadeira e efetiva. Sem dúvida a democracia quer realizar o ideal da liberdade; mas ideal é somente

aquela liberdade que se afasta de todo o desenfreamento, aquela autoridade que une à consciência do próprio direito o respeito pela liberdade, dignidade e direito dos outros, e é ao mesmo tempo cônica da própria responsabilidade em relação ao bem geral. Naturalmente esta genuína democracia não pode viver e prosperar senão na atmosfera do respeito para com Deus e da observância dos mandamentos, bem como da solidariedade ou fraternidade cristã.

Conclusão

24. Desta sorte, diletos filhos e filhas, a obra da paz prometida aos homens no esplendor da noite de Belém, será enfim levada a termo com a boa vontade de cada um; mas principia na plenitude da Verdade que afugenta as trevas dos espíritos. Como na criação “ao princípio era o Verbo” e não eram as coisas nem as suas leis, nem a sua potência e abundância; assim na execução da misteriosa empresa confiada pelo Criador à humanidade, deve pôr-se ao princípio o mesmo Verbo, a sua verdade, a sua caridade e a sua graça; somente depois a ciência e a técnica. Quisemos apresentar-vos esta ordem e pedimo-vos que a façais vingar eficazmente. Temos por nós a história, que bem sabeis ser boa mestra. Parece, entretanto, que aqueles que não a entendem, e se inclinam por isso mesmo a tentar novas aventuras, são mais numerosos que os outros e os vêm a sacrificar às suas loucuras. Nós falamos em nome destas vítimas, que choram ainda, perto ou longe, sobre as sepulturas e já receiam que se abram outras; das que habitam ainda entre ruínas e já vêem aproximar-se novas destruições; vítimas que esperam ainda, como prisioneiros ou dispersos, mas já temem de novo pela própria liberdade. O perigo é tão grande que, junto do berço do Príncipe eterno da paz, Nós tivemos de proferir palavras graves, embora com risco de provocar temores ainda mais vivos. Pode-se, porém, sempre confiar que, com a graça de Deus, será um temor salutar e eficiente, que leve à união dos povos, reforçando assim a paz.

25. Ouça estes Nossos anseios e votos a Mãe de Deus e Mãe dos homens, a Imaculada Virgem Maria — diante de cujo altar se prostram este ano, de modo especial, os povos da terra — a fim de que interponha entre esta e o Trono de Deus a sua materna intercessão.

26. Com estes votos nos lábios e no coração — a vós todos, diletos filhos e filhas, às vossas famílias e especialmente aos humildes, aos pobres, aos oprimidos, aos perseguidos pela sua fidelidade a Cristo e à Igreja — damos com efusão de coração a Nossa paterna Bênção Apostólica.

